



POR FILIPE BRUMATTI DE SOUZA

Engenheiro de Alimentos formado pela UNESP e com MBA em Gestão de Projetos pelo SENAI. É sócio fundador da MAPA.SA Consultoria e Análises Socioambientais e coordenador do Projeto Conexões.
E-mail: fbrumatti@yahoo.com

RECICLAGEM: DEMANDA, INDÚSTRIA E MERCADO

Desde o mês de abril deste ano o governo americano, por meio do próprio presidente Donald Trump, vem estabelecendo uma nova forma de se relacionar com as demais nações mundiais por imposição de tarifas comerciais. Num primeiro momento, as tarifas tinham um caráter de reciprocidade, igualando-as aos valores estabelecidos por outros países aos produtos americanos. Mas isso logo se transformou numa nova forma de os Estados Unidos estabelecerem suas relações com o mundo, somando a interesses geopolíticos, econômicos e até pessoais.

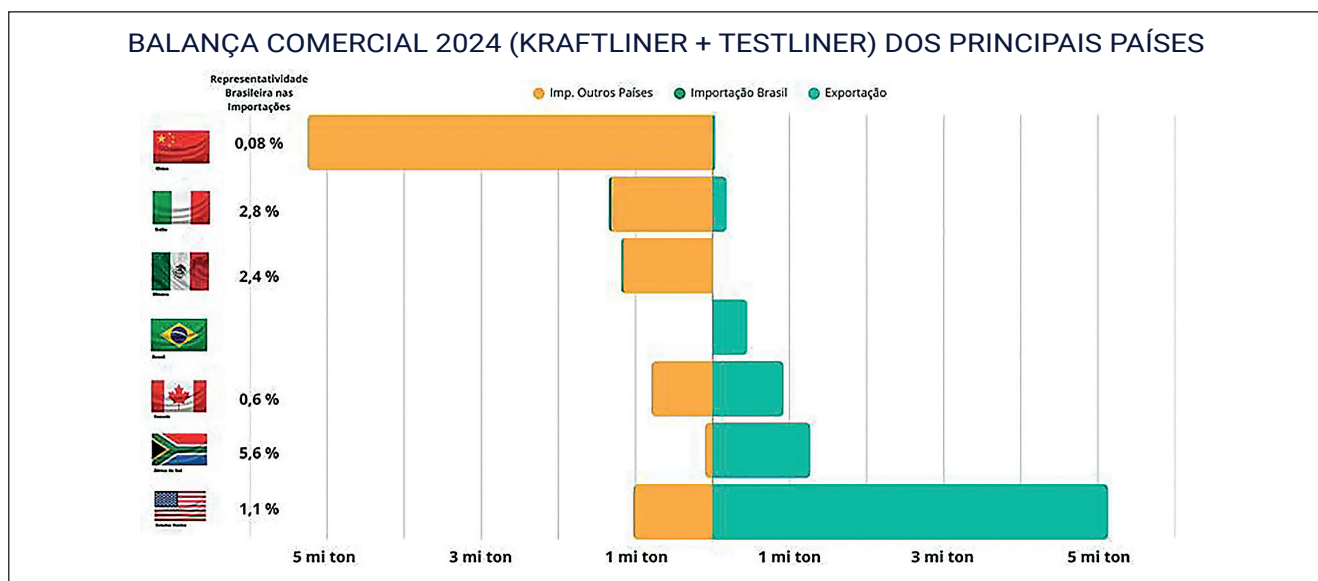
Em julho último, o governo americano estabeleceu uma interlocução com os países por meio de cartas e logo no início do mês o governo brasileiro foi surpreendido com o anúncio de uma tarifa de 50% em todos os produtos exportados para aquele país a partir do dia primeiro de agosto deste ano, levando apreensão a diversos setores da indústria nacional. O governo brasileiro teve, como parte de sua estratégia, além da negociação direta entre os próprios empresários para traçar um plano de contingenciamento, uma investida internacional para abrir a indústria exportadora brasileira para novos mercados, seja com países afetados por méritos geopolíticos como os BRICS, seja com aqueles que haviam sido sobretaxados por questões de reciprocidade, como México, Canadá e países da União Europeia.

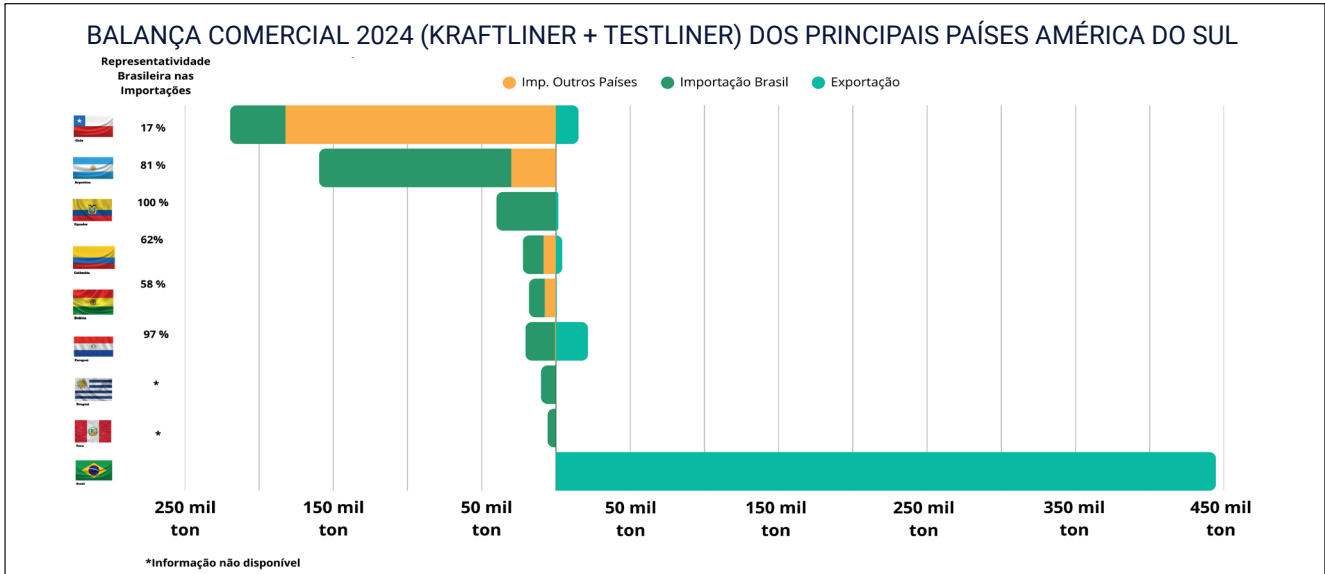
Por mais que os produtos analisados não estejam no foco das tarifas americanas ou mesmo dentre os setores inseridos no pacote de medidas previsto pelo governo, partimos do entendimento que este rearranjo no comércio mundial estabelece a necessidade de se atentar aos mercados existentes e a oportunidade de constituirmos novos relacionamentos comerciais.

Como forma de contribuir com o setor de embalagens de papel, a coluna MAPA.SA deste mês traz uma análise sobre o comércio exterior do *kraftliner* e *testliner*, conforme as informações oficiais da balança comercial de 2024, obtidas através da UN Comtrade Database.

A imagem **Balança comercial 2024 (kraftliner + Testliner) dos Principais Países** traz em destaque os volumes acumulados de exportação e importação brasileira da China, Itália, México, Canadá, África do Sul e Estados Unidos.

De um lado, temos a China como maior importadora mundial desses produtos, que consumiu cerca de 5.25 milhões de toneladas em 2024 desses produtos referenciados na imagem, enquanto do outro lado da balança temos os Estados Unidos, como maior exportador, com cerca de 5 milhões de toneladas. Segundo dados complementares da American Forest & Paper Association (AF&PA), os principais destinos do *kraftliner* americano são o México, Canadá, China e alguns países da Europa





como Alemanha e países baixos, que somados representam cerca de 75%, do destino das exportações americanas.

Já o Brasil, que não possui uma proeminência no comércio exterior para esse produto, circula em torno de 10% nesta ordem de grandeza, exportando cerca de 450 mil toneladas em 2024. Em relação aos parceiros comerciais destacados na imagem, estes representam 20% das exportações brasileiras. Mas nesse momento, mostram-se como oportunidade para ampliar o relacionamento comercial e diplomático e, com isso, favorecer as importações dos nossos produtos por países como a Itália e México, que neste momento possuímos uma representação em suas importações de apenas 2,8%, 2,4%, respectivamente.

Os principais destinos do *kraftliner* brasileiro são os países da América do Sul como Argentina, Chile, Equador, Paraguai, Colômbia, Bolívia, Uruguai e Peru, onde somados representam 60% do destino do *kraftliner* brasileiro. A imagem **Balança Comercial 2024 (kraftliner + Testliner) Principais Países da América do Sul** traz a representatividade das exportações brasileiras para os principais destinos sul-americanos.

Para a maioria dos países, o Brasil representou em 2024 mais de 50% das importações de *kraftliner*, totalizando cerca de 266 mil toneladas. Por ter baixa representatividade na balança comercial, esses países podem não ser alvo de grandes investidas internacionais para novos negócios, passando a ser vistos como um mercado que deve ter seu relacionamento próximo, em especial com a Argentina, que possui um alinhamento ideológico com o governo americano, para que o Brasil continue se consolidando como principal fornecedor desses produtos para seus países vizinhos.

Ao analisarmos os volumes exportados no primeiro semestre deste ano para os países analisados, em comparação ao mesmo período anterior, percebemos que a indústria nacional já parece sofrer efeitos positivos deste novo momento. As exportações para a Itália, México, Estados Unidos e para Índia sofreram uma variação positiva significativa, indo de 28% até mais de 300% no aumento nas exportações para o mercado americano. Enquanto para a África do Sul e para a China houve uma variação negativa de 90% para o país africano e de -30% para a maior compradora mundial destes produtos.

